

Petróleo

*Por Pedro Neves**

A) PETRÓLEO

a) Produção, Consumo e Saldo Comercial

O mês de julho de 2018 apresentou produção diária de 2,57 MMbbl/d, inferior aos 2,59 MMbbl/d produzidos em junho. A queda na produção está diretamente associada aos números da Petrobras, responsável pela operação de mais de 93% da produção, que manifestou-se atribuindo à cessão de 25% da sua participação no campo de Roncador para a Equinor e à parada da plataforma de Mexilhão para manutenções do resultado negativado mês (Petrobras, 2018)[1]. Todavia, a entrada do FPSO Cidade de Campos dos Goytacazes, que opera no campo de Tartaruga Verde, dá uma pequena amostra do que se espera para o segundo semestre na empresa, com a previsão de entrada de pelo menos quatro outras unidades de produção (Valor, 2018)[2].

2019 também caminha para ser um ano positivo para a Petrobras. A companhia tem por objetivo reduzir sua dívida em pelo menos US$ 10 bilhões no ano que vem, por meio do aumento de sua produção, da venda de ativos (e do recebimento de capital já negociado) e do aumento da arrecadação (motivada por preços internacionais mais altos) (Estadão, 2018)[3]. Além disso, existe uma movimentação no governo para que o leilão referente ao excedente da cessão onerosa ocorra no ano que vem e que o governo pague em dinheiro à estatal o referente à revisão do contrato. A origem do dinheiro seria exatamente a arrecadação proveniente do leilão, entretanto, o certame ainda depende de alguns trâmites legais para ser aprovado e agendado (EPBR, 2018)[4].

1 http://www.petrobras.com.br/fatos-e-dados-1/producao-de-petroleo-e-gas-natural-em-julho-de-2018.htm
2 https://www.valor.com.br/empresas/5669581/petrobras-diz-que-queda-na-extracao-e-pontual
3 https://economia.estadao.com.br/noticias/negocios,petrobras-ve-salto-na-producao-de-petroleo-em-2019-e-corte-de-us10-bi-na-divida,70002506132
4 https://epbr.com.br/governo-pretende-indenizar-petrobras-em-especie-com-leilao-da-cessao-onerosa-em-2019/

A expectativa da estatal é também condizente com o que afirma o governo federal. De acordo com o MME, o Brasil deve atingir ainda nesse ano a marca de 1 bilhão de barris produzidos no acumulado do ano. Esse seria o quinto ano seguido com alta na produção. Para tanto, a média diária a se percorrer deveria girar em torno de 2,73 MMbbl/d (Valor, 2018)[5].

Na comparação anual, registrou-se queda de 1,8% em julho (2018) com relação à produção de 2017 para este mês (Tabela 2.1). Segundo dados da ANP, em julho, 95,7% de todo o óleo extraído nos campos nacionais e 77,6% do gás natural foram produzidos em campos marítimos. O esforço exploratório brasileiro está concentrado em 7.483 poços, sendo 718 marítimos e 6.765 terrestres, e os campos operados pela Petrobras produziram 93,3% do total de óleo e gás natural.

Com relação ao pré-sal, sua produção em julho foi oriunda de 87 poços e chegou a 1,454 Mbbl/d de óleo e 58 MMm³/d de gás natural, totalizando 1,821 MMboe/d (milhão de barris de óleo equivalente por dia). O campo de Lula, sozinho, foi responsável por mais de 60% dessa produção de óleo equivalente. Esse fato ilustra o franco *ramp up* do campo, assim como o potencial que outros campos como Sapinhoá, Lapa, Mero e Búzios têm para incrementar a produção nacional. O campo de Marlim Sul, na Bacia de Campos, foi o campo marítimo com junho número de poços produtores: 96.

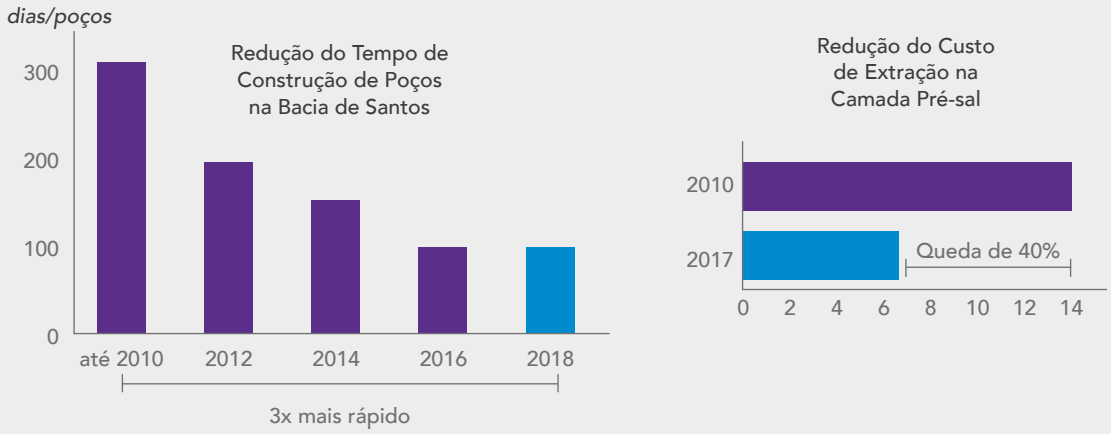
10 ANOS DE PRODUÇÃO PRÉ-SAL: APESAR DAS ADVERSIDADES, RUMO ÀS ESTRELAS

Em 2008, a Petrobras começou a produzir petróleo na camada do pré-sal, que posteriormente verificou-se ser um grande campo petrolífero, estendendo-se ao longo de 900km na costa brasileira, do Estado do Espirito Santo ao de Santa Catarina, e englobando enormes bacias sedimentares. Hoje, em 2018, trata-se da fronteira petrolífera mais atraente do mundo. A redução de custos proporcionada pelos avanços tecnológicos empreendidos e os elevados índices de produtividade dos campos fizeram a área mais competitiva que os badalados plays de *shale gas* que chegaram a ser vistos como uma revolução de impacto global (Figura 2.1).

Com 21 sistemas de produção, entre dedicados e compartilhados, que inclui a participação de

5 https://www.valor.com.br/brasil/5840555/producao-de-petroleo-pode-chegar-1-bilhao-de-barris

Figura 2.1: Evolução dos indicadores do Pré-sal



Fonte: Petrobras, 2018.

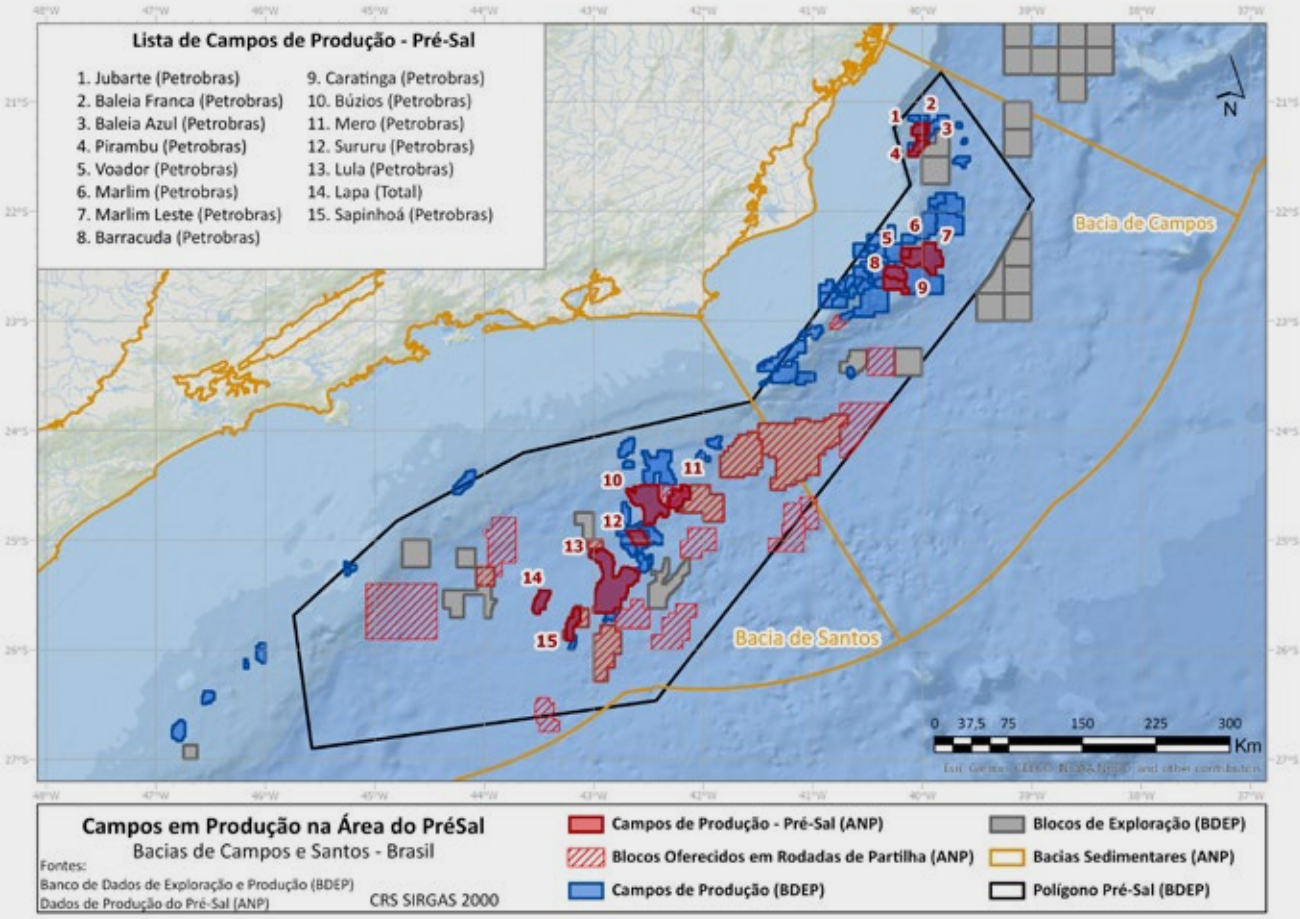
sócios como Equinor, Total e Shell (sendo operadores com produção apenas Petrobras e Total), o *play* alcançou a marca de 1,8 MMboe/d (milhão de barris de óleo equivalente por dia) (mais do que 50% da produção total do pais em julho de 2018), montante maior que a produção de importantes países produtores, como Reino Unido e Omã. Vale destacar que este volume de produção foi atingido apenas dez anos após o primeiro óleo. À parte o desenvolvimento tecnológico pujante da Petrobras no play nos últimos anos, algumas importantes áreas mundiais de exploração e produção tiveram *developments lags* muito maiores do que o pré-sal. O Golfo do México, por exemplo, descoberto em 1947, levou 20 anos para atingir a produção de 500 kbpd. A própria Bacia de Campos levou 21 anos para alcançar 500 kbpd. Hoje, a inovação tecnológica é um fator que ajuda o país a ganhar mais com a extração de cada barril, vide o tempo de perfuração de um poço, que passou de um ano e meio para apenas três meses.

Dentro do polígono, segundo a ANP (2018), são 18 campos com 90 poços com dados de produção no mês de julho de 2018, com média de produção de 16.154 bbl/d (alguns recordes como 3-BRSA-1305A-RJS / 3RJS739A, no campo Mero, com 38.800 bbl/d de produção média). Entretanto, como não existe tal coisa como risco geológico zero, 60 poços encontram-se secos desde 2016 (dentro do polígono).

Adicionalmente, foram cinco anos discutindo a nova lei do petróleo, que introduziu o contrato de partilha. Se o calendário de rodadas tivesse ocorrido normalmente ao longo dos últimos anos, inclusive quando o preço do petróleo estava mais alto (a US$ 100 por barril), ter-se-iam mais investimentos, mais empresas, e possivelmente, mais produção.

Passada a empolgação inicial em relação às descobertas das reservas do cluster, resta considerar os exemplos de grandes produtores internacionais de forma a não cair na armadilha dos recursos naturais que atrapou alguns países notórios exportadores de petróleo. Com nível de conhecimento técnico já disponível, é possível afirmar que estas descobertas modificam as condições de contorno da exploração de petróleo no Brasil, tanto pelo tamanho das reservas, quanto pelos desafios tecnológicos. E na esfera internacional instaura-se para a indústria petrolífera mundial uma comprovada fronteira de exploração.

Figura 2.2: 10 anos de produção do pré-sal



Fonte: Dados geoespaciais BDEP e ANP, 2018.

Adiantamos nessa edição que no dia 28 de setembro ocorreu a 5ª rodada de partilha do pré-sal, que ofertou as áreas de Sudoeste de Tartaruga Verde, Titã, Saturno e Pau-Brasil com volume de óleo *in situ* total estimado em 17 bilhões de barris de petróleo (ANP, 2018)[6]. O bloco de Saturno foi arrematado pelo consórcio Shell* (50%) e Chevron (50%), com oferta de 70,2% de excedente em óleo. Já o bloco de Titã foi adquirido pelo consórcio ExxonMobil* (64%) e QPI (36%) com excedente em óleo de 23,49%. Sudoeste de Tartaruga Verde foi arrematado pela Petrobras* integralmente com 10,01% de excedente oferecido. Por fim, o bloco de Pau Brasil foi adquirido pelo consórcio BP Energy* (50%), Ecopetrol (20%) e CNOOC Petroleum (30%), com excedente em óleo de 63,79%[7].

A arrecadação do país com *royalties* e participações especiais teve um aumento de 62% a nível nacional nos oito primeiros meses do ano. A maior parcela das variações entre esse ano e 2017 ficou para a União (68,1%), seguida de estados (65,2%) e municípios (51,4%). Na distribuição por estado, o Rio de Janeiro segue o estado mais beneficiado no ano, com uma parcela de 72,7% se comparada com o total dos estados produtores. A arrecadação via participações especiais (para campos cuja produção é superior a 5 Mbbl/d) foi maior que a dos *royalties* no acumulado até agosto, com respectivos R$ 20,7 e 14,1 bilhões. Fatores como a valorização da cotação do dólar e dos preços de referência internacionais, aliados ao crescimento da relevância do pré-sal no país, são os responsáveis pelos números positivos apresentados (Valor, 2018)[8].

Tabela 2.1: Contas Agregadas do Petróleo (Barril).

Agregado	jul-18	jul-18/jun-18	jul-18/jun-17	Tendências*	jun-18	jun-17
Produção	79.829.003,5	2,7%	-0,5%		77.695.352,2	80.243.085
Consumo Interno	55.055.170,6	5,1%	11,4%		52.397.588	49.403.396
Importação	3.995.793,6	-23,1%	-31,5%		5.199.151	5.831.277
Exportação	56.687.863,9	183,3%	30,7%		20.010.847	43.361.430

* Tendências nos últimos 12 meses
Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

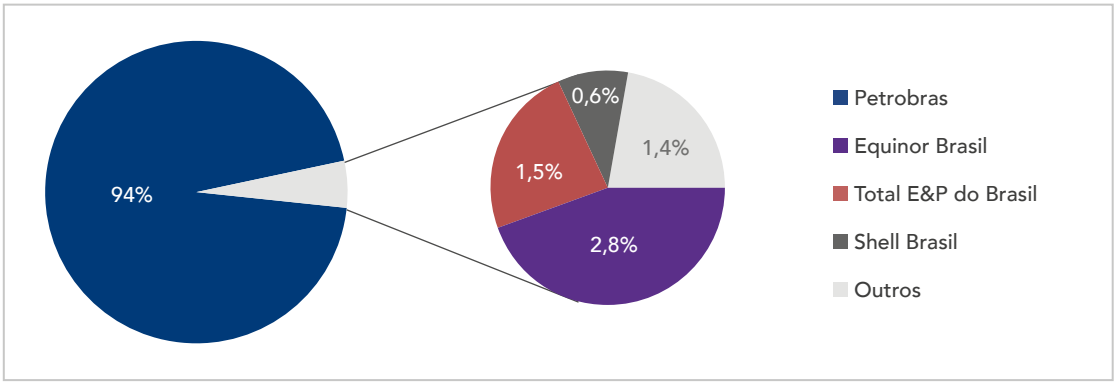
No tocante às empresas presentes em todo o setor no Brasil enquanto operadoras, a participação da Petrobras ainda é majoritária, com 94% da produção. A participação da Equinor Brasil aumentou sua parcela em relação ao mês anterior para 2,8%, enquanto a Shell teve uma queda considerável e perdeu espaço no top 4 para a Chevron que, com o campo de Frade, obteve a fatia de 0,6%. A aparente retração observada para a Shell no período não se reflete no perfil de produção da empresa enquanto concessionária, no qual a mesma continua com o segundo lugar com folga para a terceira, Petrogal Brasil. Serviços de manutenção no conjunto Parque das Conchas, operado pela Shell, motivaram a queda observada e devem permanecer pelo menos até setembro (O Petróleo, 2018)[9]. A produção da Total

6 http://rodadas.anp.gov.br/arquivos/Round_P5/Seminarios/lp5_areas-oferta.pdf
7 As empresas denotadas por (*) são também operadoras dos campos que elas têm consórcio.
8 https://www.valor.com.br/brasil/5848561/arrecadacao-com-royalties-do-petroleo-cresce-62-no-ano
9 https://www.opetroleo.com.br/shell-contratara-unidade-de-manutencao-e-seguranca-no-brasil/

se manteve no mesmo patamar: 1,5%. A Figura 2.3 mostra as concessionárias que participam da produção no Brasil no mês de julho.

As *International Oil Companies* (IOC's) têm apresentado um apetite vultoso com relação ao mercado brasileiro. A Equinor apresentou, em evento realizado na sede da Firjan no Rio de Janeiro, o seu plano de negócios para as operações no país, com um investimento de US$ 15 bilhões até 2030. A companhia considera o país uma de suas 3 áreas-núcleo e pretende diversificar seu portfólio de negócios com investimentos em bacias maduras (com foco em ampliação do fator de recuperação e rejuvenescimento dos campos), exploração de áreas do pré-sal (através de novas aquisições ou do desenvolvimento de áreas contratadas) e investimento em renováveis (como o recente aporte da planta solar de Apodi, capaz de abastecer mais de 160 mil domicílios) (Firjan, 2018)[10]. Outro exemplo de companhia é a ExxonMobil, que tem ofertado constantemente nos leilões recém-realizados e adquiriu 36,5% da área de Carcará junto a Equinor, operadora da área. A empresa ainda aguarda regulamentação do Programa de Estímulo à Competitividade da Cadeia Produtiva, ao Desenvolvimento e ao Aprimoramento de Fornecedores do Setor de Petróleo e Gás Natural (PEDEFOR) para contratar uma empresa instalada no país para construir equipamentos *subsea* de um de seus mais novos ativos (Valor, 2018)[11].

Figura 2.3: Distribuição da produção de Petróleo por Operador

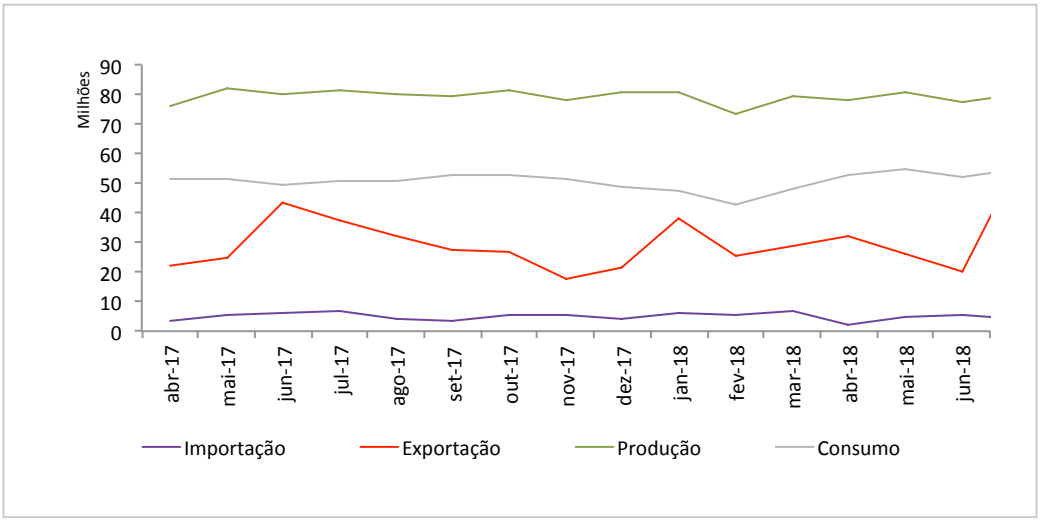


Fonte: ANP, 2017

Sobre a balança comercial do setor petrolífero, as importações apresentaram queda no mês de julho de 23,1%. Por outro lado, as exportações do país quase triplicaram seu valor entre junho e julho. A estratégia já corriqueira de se exportar mais petróleo cru e diminuir sua importação quando o preço de referência do barril e a cotação do dólar estão em alta parecem ter sido os motores que motivaram tais números. Na comparação anual, verificou-se redução nos valores relativos as importações e aumento das exportações em mesma proporção.

10 http://www.firjan.com.br/noticias-1/equinor-anuncia-investimentos-de-us-15-bilhoes-no-brasil-ate-2030.htm
11 https://www.valor.com.br/node/5855245

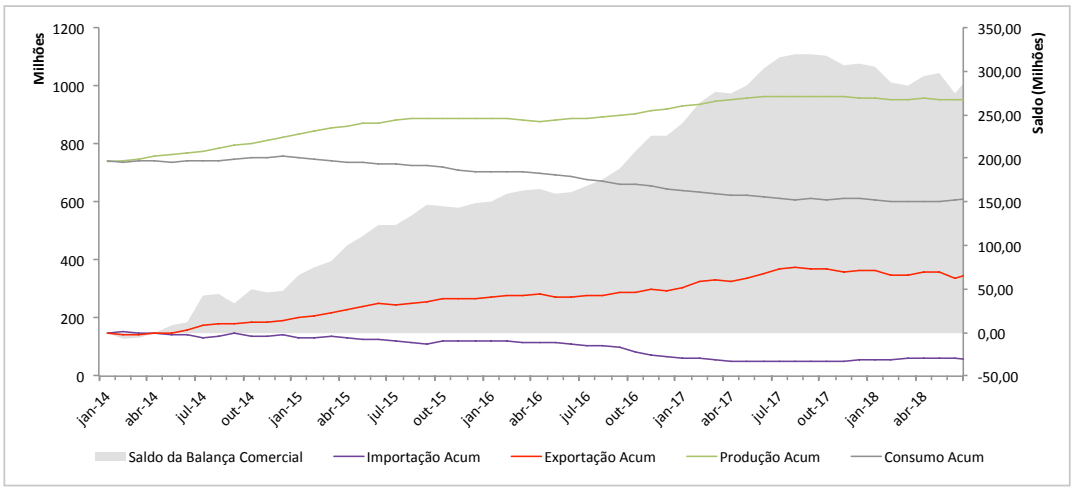
Figura 2.4: Contas Agregadas do Petróleo (Barril)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

No acumulado de 12 meses a diferença entre Produção e Consumo apresentou leve queda em julho, retomando a tendência de queda no ano. Com relação à conta petróleo, que representa o saldo entre Exportações e Importações, verificou-se uma recuperação considerável em julho de 2018 e no acumulado de 12 meses, já sinalizados anteriormente com a alta das exportações e queda nas importações (Figura 2.5).

Figura 2.5: Contas Agregadas do Setor Petróleo, acumulado 12 meses (Barril)



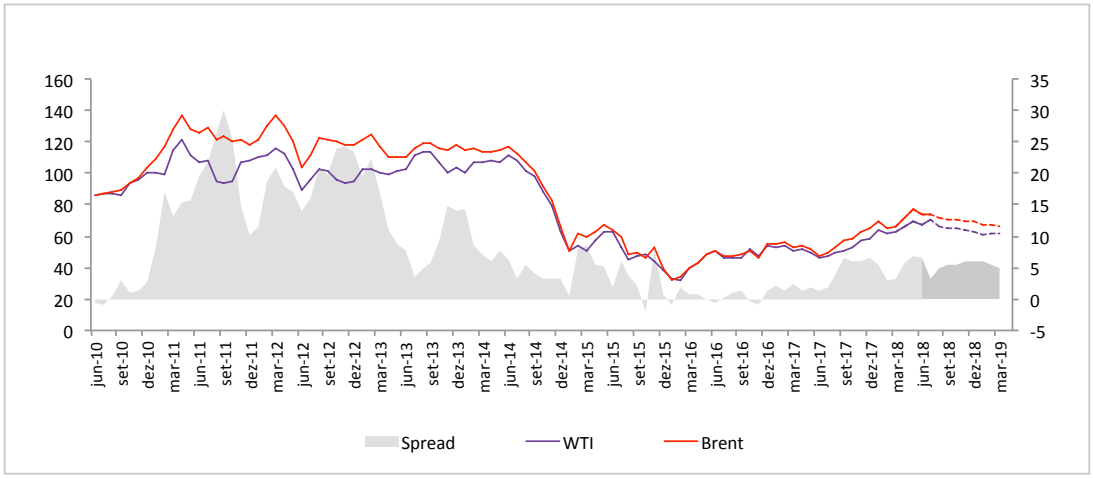
Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

Passando para a análise dos preços internacionais, segundo o *Energy Information Administration* - EIA (Figura 2.6), a média de preços do óleo tipo Brent registrou queda no mês de julho, atingindo o valor de US$ 74,25/bbl. O WTI, entretanto, aumentou e chegou ao valor de US$ 70,98/bbl em julho. Isso significa que, ao menos no período analisado, a vida dos produtores que vendem no mercado interno dos EUA esteve facilitada frente a dos refinadores e exportadores norte-americanos (Market Realist, 2018)[12].

Por outro lado, em setembro de 2018, segundo o *Short-Term Energy Outlook* da EIA, os Estados Unidos passaram a Arábia Saudita e a Rússia como os maiores produtores de petróleo cru do mundo no ano. O aumento expressivo dos EUA tem como forte agente motivador a exploração de recursos não-convencionais, principalmente nas bacias de *Permian e Bakken*. O marco reforça o novo panorama geopolítico do mundo do petróleo, com os EUA tornando-se cada vez mais influentes e com maior poder de barganha frente as então principais nações produtoras (Brasil Energia, 2018)[13].

Ainda para entender um pouco melhor do tamanho que os recursos não-convencionais tiveram nos Estados Unidos, em leilão federal de áreas terrestres da bacia de *Permian* realizado em setembro, o acre de terra chegou a ser arrematado por US$ 95 mil. O certame obteve uma arrecadação maior que todo o ano de 2017 e maior que o dobro do leilão realizado em 2008 (até então o de arrecadação recorde). Os resultados surpreenderam até especialistas no assunto, que julgavam que uma cotação de US$ 32 mil por acre de terra na região já era considerado aceitável (World Oil, 2018)[14].

Figura 2.6: Preço Real e Projeção ($/Barril).



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da EIA (Deflator - CPI/US)

12 https://marketrealist.com/2018/09/brent-wti-spread-might-push-oil-exports-and-downstream-stocks-up
13 https://bepetroleo.editorabrasilenergia.com.br/eua-se-tornam-mais-produtor-de-oleo/
14 https://www.worldoil.com/news/2018/9/7/permian-oil-auction-gets-record-1-billion-as-bidding-soars

Voltando à produção brasileira, em julho, o cenário de produção *offshore* por estado foi aparentemente positivo quando comparada com o mês de junho, com destaques para Alagoas[15]. A produção *onshore* segue em declínio no país, com exceção para o Maranhão, o Rio Grande do Norte e Sergipe. Esse cenário da produção terrestre pode finalmente caminhar para dias melhores. A Petrobras recebeu ofertas para contratação de serviços de sondas terrestres de perfuração para as regiões Nordeste e Sudeste, em contratos de duração de dois anos, com pico de utilização em 2020 (Brasil Energia, 2018)[16].

Tabela 2.2: Produção por Estado (Barril).

UF	Localização	jul-18	jul-18/jun-18	jul-18/jun-17	Tendências*	jun-18	jun-17
AL	Onshore	72.450	-2,6%	-26,0%		74.415	97.844
	Offshore	4.234	73,4%	-17,2%		2.441	5.115
AM	Onshore	615.987	-2,6%	-1,2%		632.376	623.308
BA	Onshore	879.638	1,8%	-4,2%		864.065	917.863
	Offshore	15.864	-0,6%	7,3%		15.959	14.786
CE	Onshore	34.193	-10,4%	-6,9%		38.165	36.722
	Offshore	139.361	4,1%	-7,3%		133.882	150.411
ES	Onshore	300.523	2,7%	-5,0%		292.760	316.316
	Offshore	9.339.871	-0,5%	-20,1%		9.389.974	11.695.309
MA	Onshore	2.321	-	239,8%		1.671	683
RJ	Offshore	56.721.196	3,5%	5,1%		54.793.285	53.954.251
RN	Onshore	1.092.062	5,4%	-14,2%		1.036.217	1.272.679
	Offshore	142.746	-13,2%	-20,3%		164.410	179.030
SP	Offshore	9.912.810	2,2%	-4,3%		9.700.204	10.353.225
SE	Onshore	400.437	1,1%	-24,7%		396.192	531.526
	Offshore	155.311	2,0%	65,2%		152.296	94.019
Total		79.829.003	2,8%	-0,5%		77.688.311	80.243.085

* Tendências nos últimos 12 meses
Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

B) DERIVADOS DO PETRÓLEO

A Tabela 2.3 apresenta dados consolidados para os derivados de Petróleo. Como o display dos dados é mensal, cabe aqui a mesma ressalva para a diferença no número de dias entre os meses de junho e julho, cuja comparação é destacada na tabela. Ainda assim, pode-se observar aumentos bruscos como o da taxa de exportação de gasolina, GLP, QAV e óleo combustível. Ao mesmo tempo, altas expressivas foram registradas na taxa de importações referentes ao diesel e o óleo combustível.

Em meio a tudo isso, em setembro de 2018, o senador federal aprovou uma das MPs que circulava sobre o diesel. O texto foi corrigido em dois quesitos: limitação do subsídio para o diesel rodoviário e a inclusão de um mecanismo que distribuidoras que importam indiretamente o combustível fiquem de fora da subvenção. Além disso, permitiu também o envio de informações a ANP para formação do preço do diesel. O assunto entrou em pauta pois poderia se perder no período eleitoral e perder a validade no dia 11 de outubro (EPBR, 2018)[17].

15 Há de se lembrar, contudo, que a produção representa o total para o mês de julho, que tem 31 dias. Dessa forma, a maioria dos valores representa na verdade reduções em comparação com junho, que tem 30 dias.
16 https://bepetroleo.editorabrasilenergia.com.br/petrobras-contrata-operacao-de-sondas-terrestres/
17 https://epbr.com.br/congresso-aprova-mp-do-diesel/

Tabela 2.3: Contas Agregadas de derivados (Barril)

Combustível	Agregado	jul-18	jul-18/jun-18	jul-18/jun-17	Tendências*	jun-18	jun-17
Gasolina	Produção	12.571.566	-2,9%	-6,6%		12.946.933	13.461.249
	Consumo	18.815.182	-4,7%	-20,5%		19.751.074	23.658.022
	Importação	1.163.341	-12,6%	-62,3%		1.330.374	3.081.713
	Exportação	741.815	1930,9%	705,0%		36.526	92.150
Diesel	Produção	24.814.766	5,2%	19,0%		23.581.832	20.857.289
	Consumo	31.332.825	-0,6%	6,5%		31.525.397	29.420.294
	Importação	4.493.853	6,6%	-41,7%		4.214.693	7.714.152
	Exportação	12.437	-	-95,9%		0	303.346
GLP	Produção	4.064.818	-0,2%	4,6%		4.072.394	3.884.323
	Consumo	7.173.010	-10,0%	-2,7%		7.973.159	7.372.966
	Importação	2.194.016	40,9%	-24,5%		1.556.823	2.907.597
QAV	Produção	3.499.644	4,2%	11,3%		3.357.828	3.143.823
	Consumo	4.044.868	12,8%	22,5%		3.586.205	3.302.598
	Importação	317.167	-	-48,5%		351.728	615.778
	Exportação	58.234	39,4%	6439,0%		41.780	891
Óleo Combustível	Produção	6.411.196	11,2%	18,3%		5.766.979	5.419.947
	Consumo	969.230	6,5%	-26,9%		910.023	1.326.609
	Importação	204.352	274119,0%	-		75	0
	Exportação	3.845.014	21,1%	112,8%		3.176.303	1.807.211

* Tendências nos últimos 12 meses
Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP.

Na comparação dos preços de realização interna e de referência internacional dos combustíveis, a gasolina foi o único derivado a apresentar um valor de referência interna superior ao de referência. Todavia, o óleo combustível, desde novembro de 2016, segue a equidade internacional na elaboração de seus preços.

Figura 2.7: Preço Real dos combustíveis X referência internacional (R$/l)



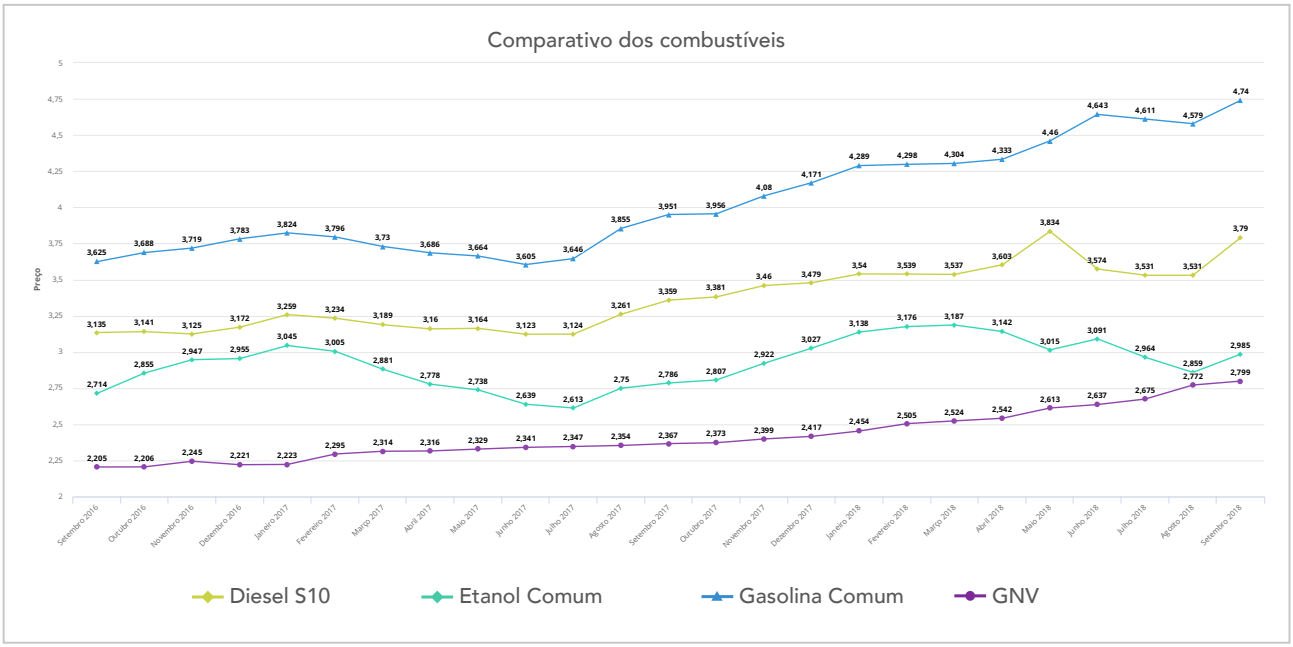
Fonte: Elaboração própria a partir de dados do MME e EIA. Deflator: IPCA.

(1) Devido à indisponibilidade de dados, os preços de referência são a cotação do final do mês e não incluem custo de internação

C) POLÍTICA DE PREÇOS DE DERIVADOS

Motivada pelos recentes conflitos acerca da precificação de combustíveis no país (vide edições passadas do nosso Boletim de Conjuntura), começamos a compartilhar uma série histórica de preços dos combustíveis gasolina e etanol comuns, óleo diesel S10 e GNV praticados por postos de gasolina no Brasil (Figura 2.8). Os dados são da plataforma FuelLog.[18]

Figura 2.8: Histórico de preços da gasolina e etanol comuns, óleo diesel S10 e GNV no Brasil (R$)



Fonte: FuelLog, 2018

Em agosto de 2018 a ANP abriu uma consulta pública com o objetivo de ampliar a transparência na formação de preços de derivados de petróleo e gás natural para o consumidor final. A iniciativa veio após uma Tomada Pública de Contribuições (TPC) que revelou a necessidade de elaboração de tais mecanismos para a formação de preços. Entre as principais medidas propostas estão a inclusão do preço e de todos os componentes de sua fórmula praticados pelas empresas produtoras e importadoras de derivados e a obrigatoriedade do envio de dados de preço praticados por revendedores a partir de novembro de 2018 (por meio do sistema Infopreço) (ANP, 2018)[19].

As medidas propostas pela resolução geraram discordância entre especialistas do mercado. Enquanto uns enxergam que as propostas podem reduzir

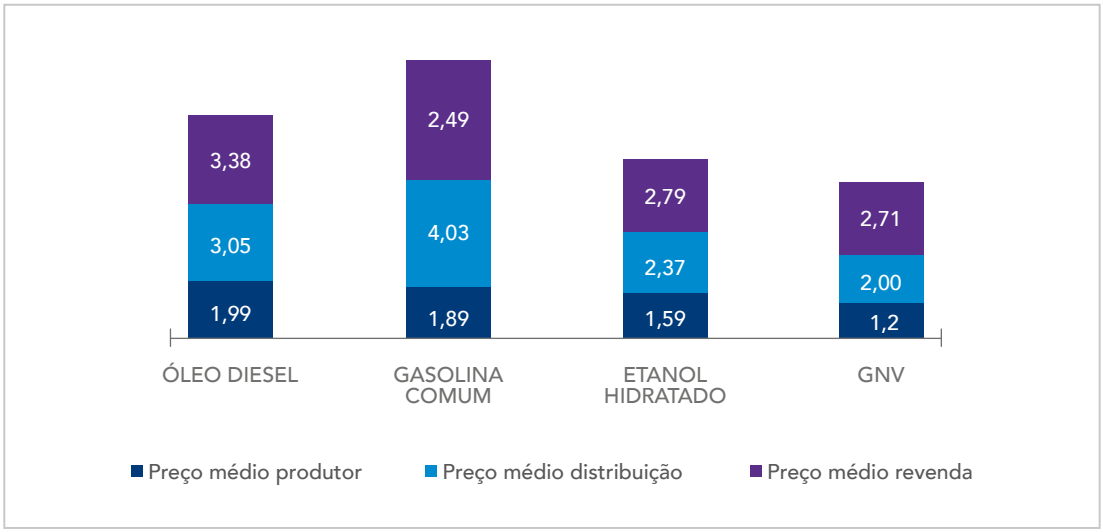
[18] A plataforma FuelLog oferece um panorama dos preços dos combustíveis no país. Trata-se de uma base de dados atualizada diariamente que contempla mais de 20 mil postos de combustíveis e mais de 200 mil preços. Os dados estão disponibilizados por estado, cidade e tipo de combustível. Para mais detalhes, acesse: www.fuellog.com.br

[19] http://www.anp.gov.br/noticias/4674-anp-aprova-minuta-de-resolucao-sobre-transparencia-na-formacao-de-precos-de-combustiveis

riscos e estimular o mercado ao não mudar seus critérios de precificação, outros observam que as novas regras são contra a livre iniciativa e a concorrência e podem gerar burocracia desnecessária no ambiente de negócios. A audiência pública que ouvirá os pleitos do mercado está agendada para 3 de outubro (Valor, 2018)[20] (Estadão, 2018)[21].

A ANP já disponibiliza desde 2002, entretanto, um acompanhamento dos preços e margens de comercialização de combustíveis baseado no regime de liberdade de preços dos diferentes segmentos de mercado: a produção, a distribuição e a revenda. A Figura 2.9 ilustra um exemplo de como a agência endereça a composição dos preços. Os dados são referentes a julho de 2018.

Figura 2.9 – Formação de preços de combustíveis em julho (média nacional)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da ANP e do MME.

[20] https://www.valor.com.br/brasil/5743283/regra-abre-equacao-de-precos-da-petrobras
[21] https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,anp-propoe-que-petrobras-divulgue-componentes-de-precos,70002458251